

Blog Encacheada: um exemplo de prática educativa contra-hegemônica¹

Maria Eduarda Sampaio COSTA²

Christiane Reis MILAGRES³

Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, Macaé, RJ

RESUMO

A difusão das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na contemporaneidade está exigindo uma reformulação dos parâmetros educacionais. Em um cenário onde a autonomia e a criatividade ganham cada vez mais espaço, novas modalidades educacionais estão emergindo. Este artigo tem como objetivo relatar a experiência da jornalista macaense Laís de Oliveira Monteiro com o blog **Encacheada**, uma iniciativa que vem apostando na combinação da internet com a educação formal como propulsora de ações educativas dialógicas, em espaços alternativos e nas redes sociais, visando a reafirmação da identidade e da cidadania da mulher negra. Para a construção deste estudo de caso, foram realizadas entrevistas em profundidade com a referida jornalista e com seguidoras desta.

Palavras-chave: internet; educação reflexiva; ações educativas; contra-hegemonia.

Introdução

A prevalência das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nos dias atuais aponta para a necessidade de uma revisão dos parâmetros educacionais vigentes. No mundo contemporâneo, em transformação constante, a educação baseada apenas no acúmulo de conhecimentos não está se sustentando. É essencial e urgente aprender a viver em um ambiente midiaticizado e saturado de informação, bem como desenvolver novos sistemas de ensino-aprendizagem, pautados na diversidade simbólica e cultural e no uso dos meios de comunicação.

É crescente o número de experiências educativas preocupadas em atender aos anseios da geração Z (definição sociológica para definir a geração de pessoas nascidas no fim da década de 1990 até 2010), que pede por novos espaços, novos métodos e novas maneiras mais colaborativas de adquirir conhecimento e potencializar

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante do 8º período do curso de graduação em Jornalismo da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora de Macaé (FSMA), Bolsista da Iniciação Científica FSMA/PIBIC. E-mail: madu.sampaio@yahoo.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ). Docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora de Macaé (FSMA). E-mail: chrismilagres@gmail.com

competências e habilidades. Já se pode notar, por exemplo, a inclusão de jogos eletrônicos e aulas de programação em planos pedagógicos do Ensino Fundamental. Ou, ainda, projetos e comunidades de aprendizagem e formas inovadoras de avaliar o rendimento dos estudantes.

O processo de ensino-aprendizagem hoje pressupõe uma reconfiguração dos papéis do professor e do aluno no ambiente escolar. O professor deixa de ser o detentor do conhecimento para se tornar um orientador/tutor enquanto o aluno deve ser um participante ativo em seu processo de aprendizagem. Isto é, ambos devem estar lado a lado, sendo a escola somente mais uma fonte de informação.

Levando em conta as experiências educacionais que estão extrapolando os limites das instituições de ensino tradicionais, e também os limites geográficos, esse artigo irá se dedicar a relatar o caso do blog **Encacheada**, criado pela jornalista macaense Laís de Oliveira Monteiro. A escolha se deu por este representar uma dinâmica bem-sucedida, que se utiliza, de maneira sinérgica, das TIC, do saber acadêmico e de práticas educativas alternativas, na promoção de um conhecimento que leva à ação e à transformação pessoal e social do indivíduo, em especial, da mulher negra.

Foram feitas entrevistas em profundidade, online, com a idealizadora do blog, bem como com algumas de suas seguidoras, no mês de abril de 2018. Acredita-se que pelo fato das questões serem discursivas e o tempo curto para as respostas, não se conseguiu um retorno numérico expressivo por parte das seguidoras, porém as colocações feitas foram bastante significativas.

Mídia e Educação: indícios de emancipação do sujeito?

Segundo Freire (1979), o papel da educação deve estar intimamente ligado às ideias de liberdade, democracia e justiça, que se constroem por uma permanente atividade crítica do homem em busca do não ajustamento a padrões, normas e ideais previamente impostos socialmente. O indivíduo transcende da posição de espectador do processo histórico e emerge para um verdadeiro cidadão crítico.

Na perspectiva de Freire (1979), a educação na pós-modernidade deve estimular o ímpeto do ser humano e tem a tarefa de combater a acomodação intelectual do mesmo. O educador, por ventura, deve sempre desafiar seu educando, estimulando o

debate e a compreensão de realidade, propiciando sempre uma reflexão crítica sobre a prática. Porém, esta é uma metodologia ainda incipiente na atualidade.

Arendt (1961) explica que a dificuldade de se estabelecer uma educação mais autônoma se deve ao fato dos paradigmas educacionais estarem ligados ao ideário de Rousseau, para o qual a educação se transformou em um instrumento da política e a própria atividade política foi concebida como uma forma de educação. Havendo, por isso, para Sodré (2012), a necessidade de uma descolonização do processo educacional e uma desprogramação do sujeito.

De acordo com Gramsci (1978, p. 20), a educação na contemporaneidade é um dos principais aparelhos privados de hegemonia social. Pois, embora o homem seja um ser atuante da mudança, não tem uma clara consciência crítica teórica desta sua ação, que, não obstante, é um conhecimento de mundo na medida em que o transforma. Há a indispensabilidade de tornar consciente o crítico e o “pensar”. Ou seja, tornar os alunos mais conscientes e aptos a realizarem escolhas dentro desse novo contexto social e cultural informacional e tecnológico.

Desde o início do século XX, algumas experiências significativas vêm sendo desenvolvidas na tentativa de incorporar as mídias à educação. Aranha (1996) cita o trabalho do pedagogo francês Célestin Freinet, a partir da década de 1920, uma das principais figuras a insurgir no combate de uma educação excessivamente tradicionalista. Freinet legitimou a imprensa escolar como processo pedagógico. Seu trabalho consistiu em utilizar o jornal em sala de aula, excluindo os manuais escolares. Por meio dessa ferramenta, os alunos aprendiam gramática, matemática, além de outros conteúdos.

Supondo que o conhecimento verdadeiro é sempre recriação, Freinet estimula a exploração da curiosidade, a coleta de informações – feita tanto pelos alunos como pelos professores -, o debate e, por fim a expressão escrita. (ARANHA, 1996, p. 174).

Não se pode deixar de registrar, ainda, o trabalho do pensador argentino (e também professor, jornalista e radialista) Mario Kaplún e sua busca constante por respostas sobre o papel dos meios de comunicação na educação comunicativa popular. Para Coelho (2009), Kaplún considerava comunicação e educação ciências indissociáveis. Utilizou-se, em especial, do rádio na luta por uma comunicação mais

plural e democrática. Por acreditar na comunicação dialógica, esboçou uma rede de comunicação para os grupos e movimentos populares, tanto no meio rural quanto no urbano, visando uma comunicação participativa.

Esse foi, inclusive, o preceito para a idealização do Cassete-Fórum (1984) que consistia em estabelecer relações entre a cooperativa central e as de base, com o propósito de trocar soluções que possam ser comuns a mais de um local, ou comunicar problemas que possam ser resolvidos com a ajuda de outros grupos. Para isso, uma fita cassete era utilizada pela matriz de determinado grupo social para armazenar as demandas do movimento. As filiais escutavam e armazenavam suas opiniões e dificuldades. (COELHO, 2009, p. 06).

Conforme Coelho (2009, p. 06), a função da comunicação para Kaplún ia além de informar. Tratava-se de um “mecanismo de formação, organização social e de difusão do conhecimento”. Características esquecidas, por vezes, pelos meios de comunicação de massa, mas presentes na prática da comunicação comunitária.

No Brasil, a ação conjunta de mídia e educação surgiu em um contexto político de regimes ditatoriais, como resistência ao autoritarismo vigente entre as décadas de 1960 e 1980. No entanto, acabaram por se concretizar longe das escolas.

Essas experiências ocorreram por meio de um associativismo entre ONGs e movimentos populares, acontecendo, sobretudo, em espaços não formais e informais, uma vez que não há apoio efetivo por parte do poder Estatal para sua implementação na grade curricular de ensino.

A situação só iria mudar, conforme a ABPEducom (2018), no final da década de 1990, a partir das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, sob a coordenação do Prof. Ismar de Oliveira Soares, no intuito de definir o perfil do educador. Esta pesquisa reuniu 178 especialistas de 12 países, entre 1997 e 1998, e apontou para a existência de uma nova figura profissional denominada educador, alguém que demonstre capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação e Comunicação.

A pesquisa representou um divisor de águas. Após a sua divulgação várias entidades nacionais e internacionais se interessaram pela proposta de uma gestão de processos comunicativos de forma democrática, interdiscursiva, dialógica na educação formal, não formal e informal. A educação pretende a implementação de

programas de educação para a comunicação, com ênfase em ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação. E, também, assessorando educadores no uso apropriado dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

Portanto, o uso dos meios de comunicação como suporte pedagógico vislumbra a construção de uma realidade mais libertadora, dialógica e de intervenção social. Além da

[...] adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também. Neste sentido, esta discussão também envolve os direitos das crianças, pois mais que prover e/ou proteger as crianças dos meios há que se pensar em formas de prepará-las mais eficazmente para as responsabilidades do ser criança hoje. Capacitá-las a partir de suas especificidades, analisar, refletir sobre suas interações com as mídias e criar condições para a participação em decisões que dizem respeito a este contexto. E isso deve estar claro nas mediações escolares, visto que a educação para as mídias não se reduz aos seus meios e aos seus aspectos instrumentais, pois as mídias situam-se numa arena de produção de significados. (FANTIN, 2006, p.31).

Dessa forma, as construções e trocas com as mídias devem ocorrer dentro e fora do espaço escolar.

TIC: perspectivas e desafios

A difusão das TIC a partir da década de 1990 está trazendo aos seus usuários possibilidades de apropriação de novos saberes, linguagens e escrituras. Transformam ambientes e culturas locais, além de afetar o modo de ser e agir, sobretudo dos adolescentes que as incorporam. De acordo com Martín-Barbero (apud SOUZA; OLIVEIRA, 2009), trata-se de uma revolução de tecnicidades, que implementa uma nova tecnicidade cognitiva e criativa, representada pela introdução massiva dos jovens aos computadores e videogames.

O advento dos *smartphones*, computadores e *tablets* fez do século XXI a era da informação, na qual o indivíduo desempenha o papel não só de receptor, mas também o papel de emissor de mensagens.

Para Martín-Barbero (apud SOUZA; OLIVEIRA, 2009, p.02),

[...] a singularidade da sociedade atual não é a introdução de novas máquinas, mas o aparecimento de um novo ecossistema comunicativo, onde a comunicação e a informação se constituem no motor mais eficaz de inserção das culturas no espaço/tempo.

Conforme Martín-Barbero (apud SOUZA; OLIVEIRA, 2009, p. 10), “as relações entre sociedade e cultura mostram muito claramente a forma como os avanços tecnológicos na comunicação afetam a percepção que as comunidades têm de si mesmas e seus modos alternativos de construir suas identidades”.

O desenvolvimento da capacidade do raciocínio crítico pode, por exemplo, ser realizado ao incentivar os alunos a procurarem na web as várias versões da mesma notícia e relatar as suas diferentes abordagens. A utilização do rádio, a construção de redes de aprendizagem, *webquest*, blogs e outras mídias, podem constituir propostas para o pensamento crítico. Isso porque, segundo Laje e Dias (2010), os jovens utilizam a web de forma natural, pois foram alfabetizados digitalmente.

Contudo, de acordo com Prensky (apud ALVES, 2014), os professores, em sua maioria, são imigrantes digitais que utilizam de uma linguagem ultrapassada da era pré-digital e estão lutando para ensinar jovens que falam uma linguagem totalmente nova.

Para Alves (2014), a capacitação de professores para educar a nova geração tem sido uma preocupação dos países membros da Unesco. A Declaração de Grünwald (1982), a Declaração de Alexandria (2005) e a Agenda de Paris (2007) constituem documentos produzidos pela entidade na perspectiva de fomentar políticas para a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) voltadas para a formação de professores. Pois, o empoderamento por meio da alfabetização midiática é imprescindível para promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento e fornecer métodos e recursos pedagógicos apropriados ao contexto atual.

O desafio que se impõe ao professor seria adquirir competências que lhe permitam mediar pedagogicamente atividades dentro do ciberespaço, e não simplesmente transpor para o âmbito online o ensino já proposto na educação tradicional.

Laje e Dias (2010, p. 03) relacionam três objetivos fundamentais nos processos formativos para o uso das mídias:

- 1) Promoção do acesso às TIC: Todos devem ter acesso às mídias com fins de reduzir os obstáculos à mobilidade profissional e as dificuldades da vida cotidiana.
- 2) Capacitar o cidadão a avaliar criticamente em que medida o teor e a forma dos conteúdos difundidos são influenciados por interesses dos produtores midiáticos. Ou seja, a capacidade de seleção crítica para ler nas entrelinhas e decodificar imagens e sons avaliando assim os conteúdos.
- 3) Habilitar o cidadão a produzir seus próprios textos informativos e midiáticos utilizando de forma segura as TIC. A produção midiática deve estar associada a uma reflexão crítica sobre o processo de produção e atender os princípios relativos a direitos autorais e segurança dos dados.

Conforme Petrella (2012, p. 216), para aquisição destas habilidades e competências é necessário um esforço sinérgico entre as entidades sociais, como governo, escola e a família.

Segundo Unicef (2010), em 2004, a Rede Experiências em Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP) promoveu uma ação visando que os jovens entendessem como funcionavam os sistemas da informação. Algumas associações como a **Associação Cidade Escola Aprendiz** (RJ), a **CECIP** (RJ), a **Oficina de Imagens** (MG) e a **Comunicação e Cultura** (RJ) se uniram para desenvolver um projeto de educomunicação intitulado **Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!**, que teve como objetivo integrar educadores e educandos no desenvolvimento de produtos da comunicação. Numa parceria da Unicef e apoio financeiro de algumas entidades privadas, o projeto fez com que as novas tecnologias da informação e da comunicação fossem utilizadas como instrumento capaz de articular seus indivíduos (educadores e educandos) e seus saberes para implementar novos atores sociais comunitários, conectando sujeitos e instituições e estimulando o espírito de pertencimento, representatividade e responsabilidade social.

De acordo com Unicef (2010), a proposta inicial do projeto era capacitar os jovens para a utilização de diferentes linguagens – vídeo, fotografia, internet – para refletirem e se expressarem sobre questões ligadas ao universo escolar. Este projeto visou disseminar a utilização das TIC como principal apoio pedagógico ao processo de aprendizagem. A ideia era que toda pessoa pudesse produzir informações de interesse

local e que conforme fossem se apropriando dos meios de comunicação, pudessem posteriormente estabelecer uma rede de comunicação local.

Foram selecionadas escolas localizadas nas periferias das capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em um processo de mobilização comunitária, durante dois anos de projeto, foram trabalhados conteúdos que preparariam os alunos para serem agentes multiplicadores em educação. Buscou-se promover a interatividade entre o corpo de funcionários e alunos, o que resultou na mobilização social, aumentando o impacto e alcance das ações. Foi constatado pelo Unicef (2010) que o projeto só aconteceu de forma eficaz onde houve envolvimento e apropriação do projeto por parte da comunidade escolar. Afinal,

a educação não pode contentar-se em reunir pessoas fazendo-as aderir a valores comuns forjados no passado. Deve, também, responder à questão: viver juntos, com que finalidade, para fazer o quê? E dar a cada um, ao longo de toda a vida, a capacidade de participar ativamente, num projeto de sociedade. (DELORS, 1998, p.60).

Dessa forma, rádios comunitárias, jornais escolares, panfletos, pôsteres, boletins, revistas e, principalmente, a internet, através dos sites, portais e blogs atuam como instrumentos de transformação política, econômica e social dentro do cenário escolar.

Encacheada: empoderamento no ciberespaço

Contudo, externamente às instituições de ensino, pode-se perceber uma crescente de mídias alternativas que se estabelecem buscando amenizar a situação de exclusão de determinados segmentos marginalizados da sociedade, atuando como veículos contra-hegemônicos, no sentido gramsciano.

A exemplo desta forma alternativa de fazer comunicação, tendo como objetivo a inclusão social e o respeito pelas diversidades, foi criado, em maio de 2016, o blog **Encacheada**. Idealizado pela jornalista macaense Laís de Oliveira Monteiro, o blog tornou-se um veículo de ativismo e foi o propulsor do encontro anual **Encacheia Geral** e do projeto **Resista+**, espaços para a discussão sobre o empoderamento feminino e a cidadania do negro em Macaé (RJ) e região.

O **Encacheada** nasceu depois que criei um grupo no Facebook com mulheres de Macaé onde inicialmente a ideia era somente trocar informações sobre estética negra, cuidados para cabelos cacheados e crespos. (MONTEIRO, 2018).

Monteiro (2018) destacou que as pautas raciais foram surgindo no decorrer dos debates e encontros do grupo, nos quais a aceitação do cabelo natural e as barreiras enfrentadas por mulheres negras ao assumir estas características ainda era um tabu.

Identifiquei então, a partir das mensagens das participantes do grupo, que a estética negra estava diretamente ligada ao processo de aceitação da identidade e que precisávamos de um canal de comunicação para explorar o assunto, principalmente junto à população de Macaé e região. (MONTEIRO, 2018).

Segundo o Estatuto das Mulheres da Organização das Nações Unidas (ONU, 2018, tradução nossa), o panorama da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres no contexto da revolução digital e da mídia, evoluiu consideravelmente.

No caso do **Encacheada**, o blog, além de oferecer informações e discussões de interesse da comunidade negra de Macaé no ciberespaço, conseguiu mobilizar suas seguidoras para participarem de encontros presenciais. O intuito, de acordo com Monteiro (2018), era as mulheres negras se reconhecerem, terem seu espaço de fala, escuta e troca de vivências a partir da realidade de cada uma delas. Isto é, se empoderarem, na concepção de Kabeer (apud WILLIAMS, 2011), adquirirem a capacidade e o direito de fazerem escolhas.

Ainda em 2016, ocorreu a primeira edição do encontro anual **Encacheia Geral**, um evento que conta com palestras, oficinas, exposições e mesas de debates a fim de valorizar a identidade e a cultura negra. Em 2018 acontecerá a terceira edição.

A ampliação da temática do blog da estética para a identidade negra serviu de incentivo para que Laís de Oliveira Monteiro fizesse do seu Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo na Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora de Macaé, em 2017, um momento de pesquisa e reflexão sobre a situação do negro no Brasil e na mídia. Utilizou-se da educação formal para entender melhor os pressupostos que definem o conceito de identidade, resgatar o processo de construção da identidade do negro no país, mapear os veículos de comunicação que foram usados pelos negros como forma de

resistência e verificar o potencial da internet e dos blogs de beleza na reconstrução da identidade negra na contemporaneidade.

Ter acesso a referências históricas sobre o tema me esclareceu muitas situações que vivo e que me são relatadas. Pude compreender um pouco mais sobre a atual situação dos negros e como isso se dá na internet. Pesquisar e ter um trabalho acadêmico sobre reafirmação de identidade na era digital me deu acesso a histórias e a pessoas que são referências no assunto e estar mais próxima delas, isso me trouxe diversos convites para palestras, eventos e rodas de conversa. (MONTEIRO, 2018).

Para Kabeer (apud WILIAMS, 2011), é possível relacionar a possibilidade que o indivíduo possui para definir seus objetivos e agir sobre eles. Assim aconteceu com Laís de Oliveira Monteiro. O contato com o saber acadêmico e as reflexões por este suscitadas deram embasamento e serviram de força motriz para que um novo projeto fosse criado, o **Resista +**.

O **Resista +** teve início em março de 2018, também em Macaé. Consiste em rodas de conversa mensais para tratar de questões relacionadas ao cotidiano da mulher negra. Os temas são definidos democraticamente, com base na demanda das seguidoras do blog. Conta-se sempre com um convidado especialista na área, a fim de dar suporte emocional, psicológico e legal aos participantes para se posicionarem em situações desagradáveis vividas no dia a dia de uma maneira mais positiva e atuante, porém, harmônica. Em março, uma nutricionista e pesquisadora da UFRJ orientou sobre a saúde da mulher negra e, em abril, um advogado dará instruções de como tomar medidas legais em casos de preconceito. Ou seja, o conhecimento acadêmico atua em prol da conscientização e do exercício da cidadania.

A página **Encacheada** no Facebook possui mais de cinco mil seguidoras, e o alcance geográfico vem sendo ampliado para além da região Norte Fluminense.

Danielli Lamperein (2018), uma das seguidoras do blog **Encacheada**, destaca a importância desse espaço para abordar temas que extrapolam a questão da transição capilar.

Pessoas como a Laís, trazem a vivência na abordagem e isso muda a forma como o texto é conduzido, porque é real. Muitos dos conteúdos do blog mudaram a minha forma de pensar, por exemplo, quanto a aceitação do meu corpo, que eu odiava e, também, a relação que tenho com ele e com a sociedade. (LAMPEREIN, 2018).

Já Kíssila Paula (2018) ressalta o auxílio que o blog dá no fortalecimento da auto-estima de suas seguidoras.

Acho muito inteligente o jeito e as opiniões que a Laís dá sobre os assuntos. Ajuda na nossa auto-aceitação de diversas formas. O importante é ser você mesmo. Não importa como seja. (PAULA, 2018).

Conforme Scherer-Warren (1993), o diálogo entre mulheres resulta na compreensão de seus direitos e necessidades, colocando-as como construtoras de um novo mundo e estabelecendo novas relações com o corpo, o trabalho e a família.

Assim sendo, no que se refere ao **Encacheada**, pode-se dizer que o trabalho conjunto da vivência, do saber acadêmico e da internet vem resultando em ações educativas alternativas de promoção e de empoderamento feminino, isto é, da emancipação da mulher tanto como sujeito autônomo quanto como cidadã.

Considerações finais

Não cabe estabelecer qualquer escala de importância entre a educação formal tradicional e as novas modalidades educacionais emergentes em decorrência das TIC. Mas é imprescindível a necessidade de capacitar tecnologicamente os docentes, de uma maneira geral, para que estes se tornem mais seguros em relação ao manuseio dessas novas tecnologias e possam incorporá-las no dia a dia acadêmico e/ou escolar.

O ideal é que ensino formal e informal ofereçam possibilidades de ensino e aprendizagem complementares, com o objetivo comum de aproveitarem o potencial da aliança educação e comunicação como um campo capaz de formar indivíduos conscientes, participativos e abertos à diversidade.

O blog **Encacheada** representa, de forma bem-sucedida, esta ação sinérgica entre ensino acadêmico e práticas educativas alternativas mediadas pelas TIC. Num primeiro momento, as redes sociais (Facebook) serviram para aproximar pessoas que não se viam representadas nas mídias de massa, dando origem à produção de informação e discussões de interesse desta comunidade. No caso, mulheres macaenses negras. Criou-se uma rede de comunicação local.

Esta comunicação horizontal levou à mobilização social, tendo o blog e o saber acadêmico como canais de fomento para a organização de eventos presenciais,

responsáveis pelo cultivo de agentes multiplicadores, de resgate da auto-estima da mulher negra, valorização da identidade negra, consciência dos seus direitos e preparo para a transformação pessoal e social. E, também, para o exercício da cidadania. Ou seja, o sujeito ultrapassa a posição de espectador e se torna protagonista da sua própria trajetória.

O alinhamento da comunicação (e seus meios) no ambiente formal ou informal de ensino é uma maneira interessante de formar cidadãos críticos, colaborativos, criativos e ativos, aptos a transformarem a realidade que os cerca.

REFERÊNCIAS

ABPEDUCOM. **Educomunicação, o conceito.** Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/educom/conceito/>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

ALVES, Elaine Jesus. **Literacia digital de professores: competências e habilidades para o uso das TDIC na docência.** (2014). Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/314-%20LITERACIA%20DIGITAL%20DE%20PROFESSORES%20COMPET%C3%84NCIAS%20E%20HABILIDADES%20PARA%20O%20USO%20DAS%20TDIC%20NA%20DOC%C3%84NCIA.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação.** (1961). Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação.** São Paulo: Moderna, 1996.

COELHO, Fernanda. Mario Kaplún: a comunicação educativa por uma sociedade mais democrática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, Universidade Positivo, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0275-1.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

DELORS et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez/Unesco, Brasília, 1998.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

LAJE, Maria Otília P.; DIAS, Ana Margarida. Literacia Informacional e mediática no mundo digital e em contexto de ensino profissional: novo mito ou plano necessário de ação? **Actas**, Lisboa, n. 10, 2010. Disponível em <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/199>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

LAMPEREIN, Danielli. **Danielli Lamperein**: entrevista [abr. 2018]. Entrevistadora: Maria Eduarda Sampaio Costa. Entrevista concedida ao Trabalho de Iniciação Científica de Jornalismo da FSMA por e-mail.

MONTEIRO, Laís de Oliveira. **Laís de Oliveira Monteiro**: entrevista [abr. 2018]. Entrevistadora: Maria Eduarda Sampaio Costa. Entrevista concedida ao Trabalho de Iniciação Científica de Jornalismo da FSMA por e-mail.

PAULA, Kíssila. **Kíssila de Paula**: entrevista [abr. 2018]. Entrevistadora: Maria Eduarda Sampaio Costa. Entrevista concedida ao Trabalho de Iniciação Científica de Jornalismo da FSMA por e-mail.

PETRELLA, SIMONE. Repensar competências e habilidades para a novas gerações. Propostas para uma nova literacia midiática. **Comunicando**, v.1, n.1, dezembro, 2012. Disponível em: <<http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20130108-petrella.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Oriola, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Sandra Loureiro Farias de; OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos. **Mídias alternativas e educação**: possibilidades emancipatórias. (2009). Disponível em: <<https://etic2009.files.wordpress.com/2009/09/artigo-sandra-loureiro.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

THE FOURTH WORLD CONFERENCE ON WOMEN AND TO THE TWENTY-THIRD SPECIAL SESSION OF THE GENERAL ASSEMBLY. Commission on the Status of Women (2017). **Review of the implementation of the agreed conclusions from the forty-seventh session of the Commission on the Status of Women**. ONU. [S.l.: s.n.], 2017. 2 p. Disponível em: <<http://undocs.org/E/CN.6/2018/4>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

UNICEF. **Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo!**: Sistematização da Experiência em educomunicação. (2010). Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

WILLIAMS, Priscila. O empoderamento feminino e as mulheres Bolsa Família. **Três Pontos**, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/viewFile/2658/2034>>. Acesso em: 25 abr. 2018.